

John Cleese

Ora, como eu dizia...

Tradução
Manuel Santos Marques

Ao meu Pai e ao Peixe

Agradecimentos

O meu obrigado reconhecido a Jim Curtis pelo seu extraordinário saber, o apoio constante e a capacidade para apurar instantaneamente cronologias. E também a Howard Johnson por encontrar imenso e excelente material sobre o *At Last the 1948 Show*. E aos meus editores de ambos os lados do Atlântico, em especial a Susan Sandon, e não menos a Kevin Doughten e à minha agente Charlotte Bush.

Gostaria de agradecer a toda a gente que tem feito parte da minha vida e que, desse modo, me ajudou a escrever este livro. Não quero nomeá-los a todos, pois são mesmo muitos e, se me esquecer de um ou dois, ficarão muito incomodados e nunca mais me falarão, um risco que não quero correr.

Por fim, uma palavra de advertência acerca do meu editor, Nigel «Spats» Wilcockson, que irá tentar açambarcar todos os louros deste livro, quando não merece mais do que três quartos.

E... aos três gatos e a um Peixe que me aturaram enquanto eu, etc., etc.

Prefácio

Um homem vai ao médico e diz: «Doutor, estou deprimido.» O médico examina e concorda: «De facto, o seu caso é muito grave. Só há um remédio para si: vá ao teatro ver o palhaço Grimaldi.» O paciente responde: «Doutor, eu sou o palhaço Grimaldi.»

Esta história é interessante, sobretudo porque, muito provavelmente, nunca aconteceu. É uma espécie de mito urbano cujo protagonista vai mudando, consoante a altura e o lugar em que o episódio é contado: no início do século XIX, o paciente era Grimaldi; no início do século XX, era Brock – cada um o palhaço mais famoso do seu tempo. A história revela duas ou três ideias comuns mas não necessariamente verdadeiras: que aqueles cuja profissão é fazer rir escondem uma existência triste; que quanto maior a dor, maior o humorista; que o riso é um remédio para a depressão; que o remédio não é assim tão poderoso – ou, pelo menos, não funciona se for o próprio a aplicá-lo.

Talvez os leitores procurem, na biografia de um humorista, a confirmação daquelas ideias. Não sei se, neste relato dos primeiros anos da vida de John Cleese, a encontrarão. Claro que Cleese confessa aqui tristezas e ressentimentos, e revela o modo como algumas dessas mágoas foram, mais tarde, convertidas em material humorístico. Mas é possível que o acontecimento mais decisivo na formação de John Cleese

como humorista seja muitíssimo prosaico: durante a infância, Cleese mudou de casa onze vezes. Essa circunstância impediu-o de estabelecer relações de amizade fortes e manteve-o fora daquilo a que chamamos vida social. Deve ter sido desagradável para Cleese. Para nós, foi ótimo. O humor depende de um ponto de vista invulgar e, por isso, surpreendente sobre a vida. Trata-se, quase sempre, de olhar para as coisas com um olhar inaugural, como se as víssemos pela primeira vez. É olhar para aquilo que está à vista de todos e, no entanto, ver o que mais ninguém vê – ou, talvez mais exactamente, ver aquilo que quase toda a gente já deixou de ver. É entender o familiar como estranho e o estranho como familiar. Há quatro tipos de pessoas que conseguem fazê-lo com mais facilidade: os poetas, as crianças, os loucos e os humoristas. John Cleese manteve essa capacidade de olhar para a vida social a partir do lado de fora. Conseguiu ver, como poucos, todo o ridículo das convenções, da pompa, da hipocrisia, da vaidade.

O riso pode ser muitas coisas. Pode ser castigo e salvação, como dizem Eça e Ramalho n' *As Farpas*. Mas também pode ser uma estratégia de sedução, ou mesmo um acto de amor. O sentido de humor também pode ter várias causas. Pode ser uma defesa, mas também pode ser o produto de uma inadaptação. John Cleese teve um pequeno azar na infância. O resto do mundo teve muita sorte.

RICARDO ARAÚJO PEREIRA

Capítulo 1

Fiz a primeira exibição em público nas escadas da enfermaria da Escola Preparatória St. Peter, em Weston-super-Mare, Somerset, Inglaterra, a 13 de Setembro de 1948. Tinha oito anos e dez meses. O meu público era uma matilha de miúdos de nove anos que troçavam de mim e ladravam: «Chee-eeese! Chee-eeese!» Continuei a subir os degraus, apesar dos sentimentos de humilhação e medo. Acima de tudo, porém, estava estupefacto. Como fora que conseguira atrair tanta atenção? Que fizera eu para desencadear tal agressão? E... como raio sabiam eles que o apelido da minha família fora em tempos Cheese?

Enquanto a enfermeira Findlater «Olhos-de-Peixe» procedia ao habitual exame físico do novo aluno, tentei concentrar-me. Os meus pais haviam-me advertido sempre de que devia afastar-me de «rapazes maus e brigões». Que faziam então eles numa linda escola como a de St. Peter? E como se esperava que eu conseguisse evitá-los?

Em grande medida, os meus sarilhos deviam-se a eu não ser apenas um rapazinho, mas um rapazinho muito crescido. Tinha um metro e sessenta de altura e passaria do metro e oitenta antes de chegar aos doze anos. Era portanto difícil passar despercebido naquele meio, como tantas vezes desejava – sobretudo mais tarde, quando ultrapassei em estatura qualquer um dos professores. Não jogou a meu

favor que um deles, o Sr. Bartlett, se referisse sempre a mim como «um cidadão proeminente».

Além disso, em consequência da minha altura excessiva, «ascendera além da minha força» e a minha debilidade física tornava-me descoordenado e maljeitoso, a ponto de, alguns anos depois, o meu professor de ginástica, o capitão Lancaster, me descrever como uma «chiclete com um metro e oitenta». Acrescente-se o facto de eu não dispor de experiência prévia da natureza cruel dos bandos de rapazinhos e compreender-se-á como o meu rosto exibia a expressão de um verdadeiro cobarde quando a «Olhos-de-Peixe» abriu a porta e me exortou a sair para a minha segunda apresentação pública.

«Não te aflijas, estão só a querer arrelhar-te», disse ela. Mas que grande consolo. Podiam ter dito o mesmo em Nuremberga. Pelo menos, o coro interrompera-se e havia agora um silêncio expectante enquanto eu me obrigava a descer as escadas. Então...

– És Cabeça-Redonda ou Realista?

– O quê?

Havia rostos espetados na minha direcção, todos a interrogar: «Cabeça-Redonda ou Realista?» De que raio estariam a falar?

Se eu tivesse percebido a pergunta, o mais certo é que tivesse desmaiado, florzinha de estufa como era. (E talvez deva explicar aos leitores de educação mais primorosa que não me estavam a questionar acerca das minhas opiniões ponderadas relativas ao valor das forças antagónicas na Guerra Civil inglesa, mas a exigir-me que revelasse se fora ou não circuncidado.) Contudo, o meu primeiro dia na escola preparatória não foi um fracasso total. Quando cheguei a casa já aprendera o significado de duas novas palavras – «patético» e «húmido» – embora tivesse de procurar no dicionário do meu pai o de «mariquinhas».

Por que razão era eu tão... incapaz? Bem, comecemos pelo princípio. Nasci a 27 de Outubro de 1939 em Uphill, uma pequena aldeia a sul de Weston-super-Mare e separada desta pela simples largura de uma estrada que ia da frente marítima de Weston para o interior. No entanto, a minha mais antiga recordação não é de Uphill, mas de uma

árvore na aldeia de Brent Knoll, a poucos quilómetros, à sombra da qual me lembro de estar deitado enquanto observava, através da ramagem, o céu azul lá em cima. O sol atinge as folhas em diferentes ângulos, fazendo os meus olhos piscar de uma mancha de cor para a seguinte, com a folhagem verdejante a exibir uma profusão de matizes verdejantes. (Decidi tentar meter «verdejante», «matizes» e «folhagem» neste parágrafo por ser convicção de todos os meus professores de Inglês de se tratarem de indícios de talento criativo. Embora talvez não devesse ter usado «verdejante» duas vezes.)

Claro que não tenho a *certeza* de que seja a minha mais antiga recordação; tenho a certeza que costumava *pensar* que era; e *gosto* também de pensar que era, porque fazia sentido – eu, bebé, deitado num carinho, a assistir com satisfação ao jogo da folhagem verdejante e reluzente, nos seus belos matizes.

De uma coisa estou seguro, todavia: pouco antes deste episódio com a árvore, os alemães bombardearam Weston-super-Mare. Vou repetir...

A 14 de Agosto de 1940, aviões alemães bombardearam Weston-super-Mare. Isto pode ser comprovado, porque veio em todos os jornais. Sobretudo no *Weston Mercury*. A maioria dos residentes de Weston estava convicta de que o ataque fora um engano. Os alemães eram um povo conhecido pela sua eficiência – por que lançariam então bombas em excelente estado sobre Weston-super-Mare, quando nada havia ali que uma bomba pudesse destruir e fosse de alguma maneira tão valioso quanto a bomba que o destruísse. Isso implicaria que cada explosão produziria uma pequena moosa na economia alemã.

No entanto, os alemães regressaram por diversas vezes, o que deixou todos confusos. Apesar disso, não posso deixar de pensar que os residentes de Weston até gostavam bastante de ser bombardeados: proporcionava-lhes uma sensação de importância que de outra forma não existiria nas suas vidas. Permanece, contudo, a questão: *por que razão* se teria o Huno dado àquele trabalho? Seria apenas *joie de vivre* teutónica? Teriam os pilotos da Luftwaffe confundido a costa de Weston com a Frente Ocidental¹?

¹ Trocadilho intraduzível: «Weston seafront» e «Western Front». (N. do T.)

Ouvi velhos membros da comunidade de Weston afirmar com toda a seriedade que os bombardeamentos haviam sido efectuados a pedido de William Joyce, o abominável «Lorde Ga-Gago», que foi enforcado em 1946 pelos ingleses, por difundir propaganda radiofónica nazi na Grã-Bretanha durante a guerra. Quando perguntei a esses historiadores amadores por que teria um homem de origem irlandesa e nascido em Brooklyn tamanha animosidade contra Weston, a ponto de pressionar Hitler nessa matéria, calaram-se. Prefiro acreditar que se deveu a ressentimento do Reichsmarschall Hermann Goering, por causa de um incidente desagradável no quebra-mar de Weston durante os anos de 1920, em que estiveram provavelmente envolvidos Noël Coward e Terence Rattigan.

No entanto, a explicação do meu pai é a que faz mais sentido: segundo ele, os alemães bombardearam Weston para mostrar que têm realmente sentido de humor.

Fosse qual fosse a verdade, dois dias depois desse primeiro ataque tínhamo-nos mudado para uma aldeiazinha peculiar do Somerset chamada Brent Knoll. O meu pai já tivera que chegasse de explosões ao longo dos seus quatro anos nas trincheiras de França e, como não estava ligado a nada em Weston que fosse vital para o esforço de guerra, passou o dia seguinte ao bombardeamento a percorrer de automóvel a região rural envolvente, até descobrir uma pequena casa de quinta, propriedade de um casal Raffle, que aceitou acolher a família Cleese como hóspedes pagantes. Adoro o facto de ele não ter perdido tempo. Saímos dali para fora! E foi característico da argúcia dele ter procurado uma quinta, onde, em tempos de estrito racionamento, um ovo, uma galinha ou até um leitãozinho podiam desaparecer sem atrair as atenções.

A minha mãe contou-me certa vez que algumas das gentes de Weston criticaram em privado o paizinho por ele bater em retirada tão depressa. Sentiam, aparentemente, que teria sido mais digno esperar cerca de uma semana antes de se pôr em fuga. Penso que esta perspectiva não tem em conta o aspecto principal de uma fuga, que é o de ser empreendida no momento exacto em que nos ocorre a ideia. Só um procrastinador obsessivo gritaria «Fujamos do perigo, mas não antes de quarta-feira à tarde».

De volta à árvore. Revisitei a quinta muitos anos depois e, tal como julgava lembrar-me, havia um castanheiro gigantesco no meio do relvado fronteiro à casa, debaixo do qual eu poderei ter facilmente estado num carrinho de bebé. Em 1940, a casa da quinta fora uma de uma fileira delas, de dimensão mediana, a ladear uma estrada, com campos do outro lado; na fachada não parecia muito rural, mas quando se passava a entrada e se chegava às traseiras via-se um perfeito terreiro agrícola, com lama, galinhas e equipamento ferrugento da lavoura, furões em gaiolas e coelhos em armações de madeira.

E foi esse espaço que forneceu a minha segunda recordação. (Terá de ter surgido depois da primeira, pois nela eu estou de pé.) Fui mordido por um coelho.

Ou, melhor, fui mordiscado por um coelho, mas como era uma florzinha escanzelada e piegas, reagi como se tivesse perdido um membro. Foi a pura injustiça daquilo que tanto me perturbou. Num momento estava a dizer «Olá, Senhor Coelhinho!» e a sorrir para o lindo focinho e para as divertidas orelhas pendentes. No seguinte, a besta atacou-me ferozmente. Pareceu-me tão injustificado. Perguntava a mim mesmo o que fizera ao coelho para merecer aquela reacção psicótica.

No entanto, a questão mais pertinente seria: por que era eu tão *choninha*? E a resposta óbvia é que era por ser filho único de pais já com uma certa idade e excessivamente protectores. Tenho uma recordação (a n.º 3) que apoia esta tese. Tenho nessa altura cerca de três anos e estou na estalagem Red Cow, ponto central e coração palpitante de Brent Knoll. Bati acidentalmente com a mão e, imediatamente antes de me desfazer em lágrimas, estendi-a para o meu pai e gemi: «Olha, Papá! Fiz dói-dói no meu precioso dedo!» A isto, com meu grande espanto, respondeu uma enorme gargalhada. Não será o meu dedo precioso, interroguei-me? Decerto que o papá pensa que sim. Quando a ocasião o exige, ele diz sempre: «Oh, magoaste o teu precioso... [completar com a parte do corpo aplicável].»

Hesito em criticar o meu pai, pois é à benevolência afectuosa dele que devo a sanidade mental com que conto. Não há, porém, qualquer

dúvida que ele me mimou e que esse carinho tão precoce foi uma das razões por que embarquei num estilo de vida tão mariquinhas. Ao longo do meu tempo nos bancos da escola nunca me senti muito másculo, forte, viril, vigoroso ou salutarmente agressivo. No recreio evitava os «gangues», porque não compreendia o que levaria alguém a querer comportar-se daquela maneira. Adoro jogos de bola, mas sempre me senti aterrado com a rudeza do rãguebi, por exemplo, mesmo à distância de segurança em que me conservava quando fingia jogar. Nos meus dezassete anos, o director auxiliar do Clifton College, Alec MacDonald, repreendeu-me por me esquivar às placagens. Descreveu os meus esforços como «dançar por ali como uma fada deficiente» e ordenou-me que observasse enquanto ele demonstrava como se fazia uma placagem eficaz. Pediu a um membro da Primeira XV, Tony Rogers, que corresse na direcção dele. Acercou-se de Rogers e investiu com vigor, precisamente quando Rogers tentava contorná-lo. O resultado foi que a parte superior da cabeça do Sr. MacDonald entrou em contacto violento com o quadril direito de Rogers. Mais para o fim do dia, o Sr. MacDonald não estava disponível para leccionar; na verdade, não apareceu nas 48 horas seguintes. Quando voltou, fui demasiado covarde para lhe lembrar que me dissera especificamente que «se entrares a matar, nunca te magoas». Portanto, quando vejo equipas internacionais de rãguebi ao molho em Twickenham, olho-as com temor respeitoso, mas também com o sentimento de nada me ligar geneticamente a elas. Não nasci para ser machão e aceitei a minha pusilanimidade inata sem me queixar. Além disso, parece-me que os covardes raramente arranjam sarihos, sendo provavelmente essa a razão por que há uma história de eles serem fuzilados por pessoas que o fazem.¹

¹ A definição mais perspicaz de covarde é a de Ambrose Bierce: «Alguém que, numa emergência de perigo, pensa com as pernas.» Esta característica parece-me uma reacção tão sensata a uma ameaça que fica explicado por que querem os generais que os covardes sejam mortos; se não morressem, o conceito da fuga pura e simples ganharia rapidamente tanta popularidade que as altas patentes ficariam sem trabalho de um dia para o outro – ou, pelo menos, teriam elas próprias de combater também, o que não figura nas atribuições dos seus postos.

Já agora, nada disto é para dizer que a minha pieguice infantil foi de modo algum admirável. No entanto, embora eu fosse indiscutivelmente um lingrinhas medroso, houve um lado positivo: pelo menos não exibia a habitual agressividade descerebrada de alguns jovens machos. Mais vale ser mariquinhas do que tarado, digo eu, e sinto orgulho de nunca ter sido capaz de me obrigar a assistir a um combate de luta livre.

Se parte da minha perspectiva escanzelada da vida provinha dos mimos paternos, uma proporção razoável coube ao meu relacionamento complicado com a minha mãe. E, neste contexto, vem-me à memória outra lembrança remota. Estou deitado na cama, a adormecer, quando um barulho me faz voltar e ver sombras moverem-se pela porta entreaberta do meu quarto. São sombras dos meus pais a brigar. O meu pai estava a entrar no meu quarto e a minha mãe começou a atacá-lo, desferindo-lhe uma saraivada de murros que ele tentava aparrar. Não há som – sinto que ambos se esforçam por não me acordar – e a reminiscência não traz qualquer emoção associada, não obstante ser muito nítida. Apenas as sombras, que permanecem por alguns segundos, e depois... silêncio. Ao escrever isto, sinto um ligeiro aperto na garganta. O nível de violência que descrevo é contido: não há tacos de basebol ou motosserras, apenas o pugilismo da classe média-baixa, sem possibilidade de Injúrias Corporais Agravadas, como lhe chama o direito inglês. Todavia, o meu adorado pai, uma pessoa bondosa e decente, está a ser atacado por esta criatura irreconhecível que se diz por toda a parte ser minha mãe.

As criancinhas têm tão pouca experiência de vida que assumem inevitavelmente que o que acontece à sua volta e lhes acontece a elas constitui a norma. Recordo-me de quando a minha filha Cynthia era muito nova e ficou genuinamente surpreendida ao saber que alguns dos pais das suas amigas não trabalhavam na televisão. Ter-me-ia, portanto, sido difícil descrever o meu relacionamento com a minha mãe como problemático, pois não fazia ideia da impressão que a palavra «maternal» suscitava na maioria das pessoas. O meu pai descreveu-me certa vez como testemunhara, durante a Primeira Guerra Mundial, um soldado

ferido estendido na trincheira e a gritar pela mãe. «Por que carga de água gritaria ele por ela?», interroguei-me eu. Quando, com o passar dos anos, comecei a ouvir amigos contarem-me que a mãe deles era o seu melhor amigo, alguém com quem discutiam habitualmente a sua vida diária e a quem procuravam para obter apoio emocional, só pensei: «Como isso deve ser maravilhoso...»



A minha mãe (à esquerda) e eu.

Não pensem, por favor, que estou a classificá-la arrogantemente de «má mãe». Em muitos aspectos, foi uma boa mãe, por vezes muito boa mãe. Era extremamente diligente em todas as vertentes do quotidiano: preparava boas refeições, assegurava-se de que eu andava devidamente vestido e calçado, quentinho e seco, conservava a casa arrumada e limpa e protegia-me ferozmente. Sob hipnose ligeira, recordei certa vez um

raide aéreo alemão, com o som dos bombardeiros não muito distante, e a minha mãe a lançar-se sobre mim e a meter-nos debaixo de uma grande mesa de cozinha. Se foi uma falsa recordação, foi ainda assim o que ela teria feito.

Portanto, do ponto de vista prático, ela era irrepreensível. No entanto, era também obsessiva e ansiosa consigo mesma, o que podia fazer com que viver com ela fosse de facto muito desconfortável.

Senti sempre que uma das chaves para essa obsessão era a sua extraordinária falta de cultura geral. Numa das suas visitas a Londres, no final dos anos de 1980, fez-se uma salada para o lanche que incluía ovos de codorniz. Ela perguntou que tipo de ovos eram e expliquei-lhe que eram ovos de toupeira e que, quando os queríamos, tínhamos de ir a Hampstead Heath bem cedo pela manhã – pois as toupeiras punham-nos à entrada dos seus túneis durante a noite –, apanhá-los e não deixar de os comer nesse mesmo dia, antes que tivessem tempo de chocar. Ela escutou com muita atenção, enquanto os queixos dos meus outros familiares caíam, e declarou que os achava «deliciosos». Ainda nesse dia, reparou numa referência a Maria, rainha dos Escoceses. Reconheceu o nome e perguntou-me quem era. Com a família a ouvir, fui um bocadinho longe de mais e disse-lhe que Maria fora uma campeã de dardos de Glasgow que morrera nos bombardeamentos. «Que pena», disse ela.

Claro que eu estava a ser mauzinho, mas também pretendia provar à família a justeza de um comentário que antes fizera acerca da minha mãe e que eles não aceitaram de imediato. Dissera-lhes que *ela não estava informada de nada que não fosse afectar directamente a sua vida no futuro imediato*; e que, em consequência, não tinha cultura geral – e quando eu disse que ela não tinha cultura geral, não quis dizer que tinha muito, muito pouca. Como é natural, eles acharam que eu estava a exagerar.

E a razão disso não era que lhe faltasse inteligência, mas o facto de levar a sua vida num tal estado de alta ansiedade constante, a borderline o início do pânico, que só conseguia concentrar-se nas coisas que a pudessem *afectar directamente*. Nem é preciso dizer que sofria de

todas as fobias do costume, além de algumas especiais (como a que tinha pelos albinos e pelas pessoas que usavam pala num olho). Contudo, lançava as suas redes ainda mais longe. Na verdade, eu costumava dizer, a brincar, que ela sofria de omnifobia – fale-se do que se falar, era algo de que ela tinha um pavor mórbido. É verdade que nunca a vi assustada com um pão, um casaco de lã ou mesmo uma cadeira, mas tudo que estivesse acima de tamanho médio e pudesse deslocar-se um pouco constituía perigo, e qualquer barulho mais sonoro sobressaltava-a de forma insensata. Compilei certa vez uma lista de coisas que a assustavam, uma lista deveras abrangente: ressonar muito alto; aviões a baixa altitude; sinos de igreja; carros dos bombeiros; autocarros e camiões; trovões; gritaria; automóveis grandes; a maioria dos automóveis de tamanho médio; automóveis pequenos e ruidosos; alarmes contra roubo; fogo-de-artifício, sobretudo foguetes; rádios em alto volume; cães a ladrar; cavalos a relinchar; cavalos silenciosos, mas próximos; as vacas em geral; megafones; ovelhas; as rolhas a saltarem de garrafas de vinho espumoso; motorizadas, mesmo as mais pequenas; balões a rebentar; aspiradores (que não estivessem a ser usados por ela); coisas que se deixaram cair; gongos de chamada para o jantar; gaiolas de papagaio; almofadas de traque; campainhas de portas; o som de martelar; bombas; sirenes; despertadores antigos; martelos pneumáticos; e secadores de cabelo (incluindo os usados por ela).

Em poucas palavras, para a minha mãe, o cosmos era uma vasta armadilha sem limites.

Em consequência, nunca teve realmente a possibilidade de se descontrair, excepto talvez nas alturas em que se sentava no sofá a tricotar enquanto eu e o meu pai víamos televisão. Mesmo nessas alturas, porém, permanecia activa, a tricotar em contra-relógio. Apercebi-me há alguns anos de que, quando as pessoas (entre as quais certamente me incluo) estão ansiosas, tendem a entregar-se a uma azáfama de actividades irrelevantes, pois isso distrai-as da ansiedade, reduzindo a sua percepção. Permanecer totalmente quieto equivale a sentir o medo na sua máxima intensidade, pelo que se corre antes de um lado para o outro

como se, por razões misteriosas, nos faltasse o tempo. Não obstante, mesmo mantendo-se a minha mãe atarefada de formas inumeráveis e inúteis, isso não lhe mitigava a preocupação – a sensação dominante de que evitava desastres inomináveis ao prevê-los antecipada e incessantemente, e de que a mínima quebra dessa vigilância os faria tombar em tropel sobre si. Propus certa vez ao meu pai que comprássemos uma grande roda de hámster para ela, para que lhe fosse mais fácil manter-se activa o dia todo, em lugar de ter de continuar interminavelmente a inventar tarefas não essenciais, como puxar o lustro a latas de ervilhas, empilhar chávenas, debruar bainhas em lenços, esterilizar agulhas de tricotar ou mondar o tapete.

A abordagem dela consistia em escrever as suas inquietações num pedaço de papel, de maneira a não se esquecer de nenhuma, deixando a ameaça correspondente à solta. Depois da morte do meu pai, eu ia de carro até Weston para a visitar e ela recebia-me com uma chávena de café e uma extensíssima lista de preocupações que andara a arrolar nas semanas anteriores. Sentávamo-nos e discutíamos cada uma daquelas aflições, à vez e com uma certa profundidade: a que se referia, porque era importante, qual a probabilidade de ocorrer, o que podia ela fazer para a prevenir, o que poderíamos fazer se realmente acontecesse e se saberíamos o que fazer se não acontecesse... e depois de termos tratado de uma meia dúzia, ela preparava-me mais um café e continuávamos a laborar naquilo até ser horas de ir dormir. E se nessa altura não as tivéssemos examinado todas, deixávamos o resto para o pequeno-almoço. Levei décadas a tomar consciência de que não era a análise das preocupações que as mitigava; era o contacto contínuo com outra pessoa que a acalmava gradualmente.

Não faço qualquer ideia da razão por que a minha mãe era tão ansiosa, mas o efeito que isso tinha era torná-la difícil. Na verdade, «difícil» não é a caracterização mais justa. Havia apenas uma coisa que ela queria. Apenas uma. Mas essa única coisa era fazer tudo à sua maneira. E se não o conseguisse, ficava perturbada. E perturbava-se com uma enorme facilidade; aliás, penso que se pode dizer que ela

tinha uma verdadeira habilidade para isso; e quando algo a perturbava – e havia um conjunto *muito* limitado de coisas que, em última análise, não tinham esse efeito –, ela tinha um ataque, ou uma sucessão de ataques, de mau humor, de amplitude e acção tão inconcebíveis que terão existido alturas em que o meu pai suspirou pela tranquilidade relativa das trincheiras em França.

No entanto, a minha mãe nunca se teria visto a si mesma como tirana: o truque dela consistia em governar através da fraqueza. Embora o meu pai pudesse *preferir* dormir com uma janela aberta, ela *tinha* de a fechar, porque *não era de todo capaz* de aguentar a alternativa. Infelizmente, não havia escolha possível, pelo que a negociação nunca era uma opção, apesar de o meu pai me ter confidenciado certa vez que ela era muito mais flexível antes de se terem casado.

Só em anos posteriores comecei a aperceber-me de como o meu pai estava verdadeiramente assustado com as crises de nervos dela. Embora falasse ocasionalmente da necessidade de «conservar a mulherzinha em mar tranquilo», a descontração dissimulada dele visava esconder o medo, porque, quando a minha mãe perdia a calma, perdia-a mesmo: o furor preenchia-lhe o corpo até não sobrar espaço para o resto da sua personalidade, que tinha de se arredar até as coisas serenarem um bocado. A frase «ficar fora de si com raiva» podia ter sido cunhada em Weston-super-Mare.

A minha mãe conseguia ser bastante encantadora, alegre e divertida, mas isso era quando tínhamos visitas. Tendo estas ido embora, a sociabilidade dela começava a desvanecer-se. Isto equivalia a dizer que havia quase sempre tensão no lar dos Cleese, porque, quando a mãe não estava de facto irritada, era só porque *ainda* não estava irritada. O meu pai e eu sabíamos que a mais ínfima coisa – praticamente qualquer coisa – serviria de detonador, pelo que adoptar constantemente um comportamento apaziguador era a única estratégia.

Não pode ter sido coincidência que eu tenha passado tão grande parte da minha vida a receber alguma forma de psicoterapia, e que a esmagadora maioria dos problemas que enfrentava dizia respeito a relacionamento

com mulheres. E o meu hábito arraigado de avançar como se pisasse ovos ao lidar com a minha mãe dominou as minhas ligações românticas durante muitos anos. Até isso começar a dissipar-se, as mulheres consideravam-me deveras entediante. A minha mistura única de cortesia excessiva, solicitude infindável e pavor de suscitar controvérsia fez de mim um homem absolutamente nada *sexy*. Os homens muito, muito simpáticos não são divertidos. Escrevi certa vez uma rábula baseada em mim mesmo quando era mais novo (para o espectáculo de 1968, *How to Irritate People* [*Como Irritar as Pessoas*]), no qual procurei mostrar até que ponto pode ser exasperante este desejo de se ser inofensivo:

John Cleese: Receio não ser muito boa companhia esta noite.

Connie Booth: Não, sou eu. Ando nervosa.

JC: Não, não, não, tu estás maravilhosa, fantástica mesmo! Sou eu.

CB: Olha, não falamos mais nisso.

JC: Não sou boa companhia.

CB: Claro que és.

JC: Não sou. Tenho estado a enervar-te.

CB: Não há problema.

JC: Tenho estado a enervar-te. A culpa é minha, da última vez disseste-me que te enervava de mais.

CB: Oh, por favor!

JC: Ouve: estou a enervar-te de mais?

CB: Um bocadinho.

Embora houvesse pouca comunicação verdadeiramente emocional entre nós, a minha mãe e eu tínhamos os nossos momentos de proximidade, sendo quase todos eles aqueles em que ríamos juntos. Ela tinha um sentido de humor deveras acutilante – e à medida que amadureci apercebi-me, com surpresa, de que ela também se ria de piadas bastante negras, se não mesmo cruéis. Recordo-me de uma ocasião em que a ouvi enumerar metodicamente todas as razões por que não queria continuar a viver, enquanto eu passava pelo meu habitual sentimento

de fracasso sorumbático, na minha incapacidade para a ajudar. Ouvi-me então dizer:

– Mãe, tenho uma ideia.

– Ah sim? E qual é?

– Conheço um homenzinho que vive em Fulham e, se ainda te sentires assim para a semana, e se quiseres, posso falar com ele... mas só se quiseres... e ele pode vir a Weston e matar-te.

Silêncio.

«Oh, meu Deus, fui demasiado longe», pensei. E então ela desfez-se à gargalhada. Penso que nunca a amei tanto como naquele momento.

Ora, como eu dizia... ali estávamos nós na casa dos Raffle, bem a salvo das bombas alemãs, com vista de primeira fila para a vida dos lavradores do Somerset, a ordenhar vacas, a engordar porcos e a executar galinhas. Era uma quinta muito pequena e a única coisa surpreendente era que o Sr. e a Sr.^a Raffle não falavam inglês. Não quero com isto dizer que falassem outro idioma; não falavam nada que pudesse ser reconhecido como idioma. Contudo, compreendiam claramente os ruídos um do outro e sentíamos que, embora não gostassem muito um do outro, os seus vocabulários limitados evitavam desacordos desnecessários. Não faço ideia de como o meu pai negociou a nossa renda com o Sr. Raffle. É provável que tenha usado seixos, embora também seja possível que o jovem filho dos Raffle, que andava a aprender algum inglês no infantário, intervisse como intérprete.

O Sr. Raffle tinha dois cães pastores, pelo que ficámos um pouco espantados quando descobrimos que não tinha ovelhas. O meu pai pensava que ele mantinha os cães para as pessoas pensarem que era proprietário de um rebanho; a minha mãe pensava que podiam ser cães próprios para guardar vacas. Eu gostava deles – eram mais amistosos que os coelhos, embora passassem muito tempo a espreitar para as coelheiras. Quanto aos coelhos, nunca percebi por que razão os Raffle se davam ao trabalho de os criar, visto terem furões para apanharem os

bravios. Só posso presumir que, quando os apanhavam, gostavam de os conservar vivos e por perto até que se apresentasse a ocasião para a tenra refeição. Isso explicaria por que o meu atacante me ferrou os dentes: não se deixaria levar sem dar luta.

Para minha tristeza, precisamente quando eu começava a saber o nome de todos os animais e a ficar a conhecer a aldeiazinha de Brent Knoll, a família Cleese mudou-se para Devon, instalando-se numa pequena moradia em Totnes. Depois, sem razão aparente, voltámos para a casa dos Raffle, e de novo para Devon (para Horrabridge, onde vi uma aranha tão grande que lhe podia ouvir os passos), e mais uma vez para Brent Knoll, em seguida, logo após o Dia da Vitória, para Burnham-on-Sea, onde vivi em três casas diferentes em três anos, antes de chegar (de novo) a Weston-super-Mare em 1948, pelo que pude frequentar a Escola Preparatória St. Peter. No conjunto, mudámo-nos oito vezes nos meus primeiros oito anos.

Era demasiado novo para participar na discussão do assunto, pelo que só posso conjecturar por que nos mudávamos com tal frequência. De um ponto de vista prático, a mobilidade constante não causava muitos problemas, porque não implicava que o meu pai tivesse de mudar de emprego. Como agente (ou vendedor) da Guardian Assurance Company, fora-lhe atribuído um território na Zona Oeste pela qual circulava de carro, a vender principalmente seguros de vida, mas também muitas coberturas contra intempéries a agricultores. Sendo conhecido como um tipo bastante decente, muitas das subscrições de seguros de vida chegavam-lhe através da recomendação pessoal de gestores bancários e solicitadores de Somerset – sabiam que ele era competente e honesto, e não tentaria vender aos seus clientes mais coberturas do que aquelas de que eles necessitavam. Isto implicava que ele vendia sempre mais seguros de vida do que qualquer outro dos agentes da Guardian, mas de forma deveras indolente, nunca saindo de casa antes das nove e meia da manhã, nem regressando depois das quatro e meia da tarde. O segredo dele era que, graças aos seus contactos, nunca precisava de «apalpar terreno»; e, desde que

vivesse no meio de Somerset, não importava muito onde, sendo as distâncias tão curtas.

Se as exigências da profissão do meu pai não explicam as mudanças constantes, talvez as preocupações com o dinheiro o façam. Enquanto agente de seguros, os proventos dele atingiam as 30 libras por semana no começo dos anos 50. Tendo em conta que os mineiros e a maioria dos futebolistas ganhavam 10 libras, não era um mau salário e nunca me apercebi de que nos faltasse alguma coisa. De resto, a família Cleese nunca teve a pretensão de comprar «coisas caras». Não estavam no nosso horizonte. Nunca me ocorreu, por exemplo, que pudéssemos ir passar férias ao estrangeiro; ou que pudéssemos comprar um carro que não fosse usado; ou que teríamos outra coisa para almoço de Natal que não galinha.



O pai (à direita) com a criancinha.

Todavia, tais pensamentos bizarros terão ocorrido ao meu pai, que era amável e generoso, e teria adorado ter-nos proporcionado um estilo de vida mais indulgente, do género do que ele desfrutara quando trabalhou na Índia, em Hong Kong e na China, nos primeiros anos da década de 20. No entanto, 1500 libras por ano não esticavam muito e, apesar de ele ocultar muito bem a sua ansiedade financeira, comecei a aperceber-me em certas ocasiões de que procurava deliberadamente poupar dinheiro numa compra. Também a minha mãe reparou e entreolhávamo-nos enquanto ele enaltecia sofisticados casacos desportivos jugoslavos «extraordinariamente baratos», ou elegantes sapatos líbios, ou presunto albanês da melhor qualidade que comprara sabendo perfeitamente que em breve se deformariam, estariam impróprios para uso ou teriam um sabor deveras estranho. Não é, portanto, descabido concluir que a maior parte das nossas mudanças de casa fora motivada pela alucinação de que ajudariam a reduzir os custos.

Contudo, poderão ter tido também um efeito secundário imprevisto. A investigação demonstrou que a mudança constante de casa durante a infância está muitas vezes associada à criatividade. Parece que o impulso criativo é desencadeado pela necessidade de reconciliar visões contrastantes do mundo. Se se muda de casa, passa-se a levar uma vida ligeiramente diferente que é então comparada com a vida anterior, registando-se as divergências e as semelhanças, discernindo-se aquilo de que se gosta mais e aquilo de que se sente falta e, à medida que assim se procede, o espírito torna-se mais flexível e capaz de combinar pensamentos e ideias de maneiras novas e originais. Há também outra maneira de a criatividade se desenvolver: se pessoas importantes na nossa vida, em particular os pais, têm visões diferentes do mundo, damos connosco a tentar compreender o que terão em comum e como se distinguem, numa tentativa de dar um sentido às suas perspectivas conflitantes. Por outro lado, se os nossos pais tiverem uma relação harmoniosa e crescermos num só lugar onde as pessoas partilham as mesmas atitudes daqueles que as rodeiam, é pouco provável que sejamos inovadores, ou até que o queiramos ser.

Duvido que exista uma faculdade de criatividade especial na Universidade Estatal do Iowa.

Assim, do ponto de vista da criatividade, fui duplamente abençoado: mudança constante e desarmonia entre os pais. Acrescente-se a estas duas dádivas o facto bem estabelecido de que muitos dos maiores génios do mundo, tanto artísticos como científicos, resultaram de verdadeira privação maternal, e sou obrigado a concluir que se, ao menos, a minha mãe tivesse sido só um bocadinho mais instável do ponto de vista emocional, eu poderia ter sido COLOSSAL. Poderia ter sido musicalmente dotado, talentoso nas artes visuais e um bailarino notável, inventor e poeta publicado, em lugar de ser bom, à luz de parâmetros muito limitados, na escrita e representação de comédia. Ora, paciência.

Não obstante esses primeiros anos passados em incursões pelo Sudoeste de Inglaterra, restam-me apenas algumas memórias dispersas além da quinta dos Raffle e a aranha de Horrabridge. Recordo-me, por exemplo, de sair em passeio com o meu pai, ouvir um barulho atroador, olhar para o céu e vê-lo repleto de grandes aviões a dirigirem-se para o continente. Tratou-se de um dos nossos ataques diurnos, explicou-me o meu pai. Estávamos a ganhar a guerra, pelo que já não precisávamos de voar à noite. Certa vez, eu e o meu pai falámos com um jovem e simpático aviador americano que me deixou subir para o jipe dele, onde arranhei o meu precioso tornozelo. Noutra ocasião, o meu pai levou-nos de carro às colinas por trás de Weston, onde vimos um avião alemão que se despenhara num campo. Era mais pequeno do que eu supusera. Havia imensos mirones, mas estavam muito silenciosos.

O melhor de tudo eram os domingos em que o pai me levava à estação ferroviária de Brent Knoll. Aí éramos autorizados a subir à caixa de sinalização e o sinaleiro deixava-me accionar as grandes alavancas que mudavam as agulhas. Descíamos depois à plataforma onde havia uma enorme cesta de verga cheia de pombos, o chefe da estação deixava-me levantar completamente a tampa e os pombos largavam todos em voo, afastando-se em bando bem cerrado e bem alto no céu, onde

descreviam três círculos sucessivos – sempre três – antes de se dirigirem para norte, direitos às suas casas em Widnes, Warrington e Wigan. Era a mais excitante e bela das experiências.

O único efeito directo que a guerra teve nas nossas vidas ocorreu quando os meus pais receberam a notícia de que a nossa mobília ficara destruída. Da primeira vez que fomos viver com os Raffle, os meus pais haviam-na transferido para um armazém que era propriedade da Lalonde, os famosos leiloeiros de Weston, e agora uma bomba incendiária esturricara-a. Claro que não era uma mobília muito fina e, de certo modo, os boches fizeram-nos um favor, porque assim já podíamos mudar de casa com muito maior facilidade, passando por vários tipos de alojamentos mobilados sem demasiado estorvo em matéria de pertences.

Reparo que muitas das minhas recordações mais antigas estão ligadas à guerra, mas isso deve-se apenas a que esses momentos se destacam de forma tão vívida na minha experiência quotidiana normal. Passaram-se meses nos campos de Somerset e Devon sem que eu tivesse a mais vaga consciência do conflito. Na verdade, apercebo-me agora do quanto me sinto satisfeito por ter crescido em pequenas aldeias do Sudoeste inglês, rodeado de folhagem verdejante e matizes de esmeralda. Associo tudo isto a uma espécie de felicidade tranquila, de plenitude de espírito calma e espontânea que raramente consigo recuperar nas cidades. Ao ler, há alguns anos, o que o psicólogo Abraham Maslow tinha a dizer acerca de «experiências culminantes», reconheci que esses momentos ocorrem quase sempre em repouso e, no meu caso, nunca estão relacionados com o meu trabalho. Wordsworth escreveu das suas flores favoritas:

Muitas vezes, no meu divã estendido
De espírito meditabundo ou ausente,
Surgem súbitos ao olhar introspectivo
De que a solidão nos faz presente;
E eis que o meu coração transborda de prazer
E dança com os crisântemos.

Quando recordo momentos de felicidade perfeita e intemporal, incluem-se neles: estar sentado numa espreguiçadeira, no jardim de minha casa em Holland Park, a contemplar dois gatinhos birmaneses num número de cabaré; admirar o quadro de Delft pintado por Vermeer, na cidade de Haia, e deixar que me afecte; brincar com um canguuru bebé em Sydney; ouvir John Williams a tocar guitarra; navegar pela zona central do Reno, a bebericar Moselle; comer peixe com batatas fritas com a minha esposa no Geales há duas noites; ou ficar deitado na relva ao sol, com o meu olhar «introspectivo» a invocar imagens de Dick Cheney a ser torturado com simulação de afogamento. Mais uma vez, nada disto parece estar relacionado com trabalho ou mesmo com qualquer espécie de esforço. Explique-se isso ao Terry Gilliam.